

Profissionais da Informação: Reflexões sobre a formação e a pesquisa em Ciência da Informação no Brasil*

Dinah Aguiar Población**

RESUMO

Neste final de século, a velocidade que caracteriza o processo de comunicação do conhecimento extrapola os esforços empreendidos pelos profissionais altamente capacitados até a década de 70. O domínio dos procedimentos tradicionais aplicados para a produção de documentos, centravam predominantemente nos documentos em papel. Nas duas últimas décadas o desenvolvimento da tecnologia vai influir na formação do profissional de informação. Conhecer as peculiaridades de cada tipo de clientela vem sendo o objetivo de estudos e de várias investigações para atender as demandas atuais da sociedade. Nesta era digital, os desafios enfrentados pelos responsáveis pela formação de recursos humanos para a área variam de níveis desde a graduação até a pós-graduação e educação continuada. No Brasil, a formação do profissional de informação apresenta as características decorrentes do processo de expansão de ensino em um país com dimensões continentais e com diferentes realidades sociais. O movimento associativo existente corresponde aos anseios dos profissionais que estão inseridos no mercado de trabalho sendo influenciado pela atuação das associações que congregam docentes e pesquisadores da área vinculados às escolas e cursos de graduação (ABEBD - Associação de Escolas de Biblioteconomia e Documentação e ANCIB - Associação nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia).

ABSTRACT

In this end of century, the velocity which characterizes the knowledge communication process transcends the efforts made by the information specialists until the 70's. The traditional procedures used for the production of documents centered mostly on printed documents. In the two last decades the technology development has had an influence on the information professional's education. Knowing the peculiarities of each kind of customer has been the goal of lots of studies and investigations that want to answer the demands of this society. In this digital era, the challenges faced by those responsible for the development of human resources (in the area) change from graduation to post-graduation and continued education. In Brazil, the education of information's professionals shows up the current marks from the expansion of the education process in a country with continental dimensions and different social realities. At present, two national associations direct their efforts towards answering to the market goals, aiming to influence it, as well as bringing together lecturers and researches in the field, worked in schools and graduate courses (ABEBD - Associação de Escolas de Biblioteconomia e Documentação e ANCIB - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia).

** Professora Doutora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Brasil); Diretora de Documentação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação - INTERCOM.

Endereço: R. Jorge Rizzo, 217, Ap. 133. CEP 05424-060, São Paulo, SP, Brasil. Fone/Fax (55-11)815-7309. E-mail: dinahmap@usp.br.

Equipamento necessário: Projetor de transparências.

Profissionais da informação: Reflexões sobre os desafios da velocidade da informação e a pesquisa em Ciência da Informação no Brasil

Dinah Aguiar Población¹

Introdução

O crescimento da ciência apresenta uma diversidade de estágios decorrente da representatividade e da produção científica dos pesquisadores e cientistas de cada área do conhecimento. A avaliação do desempenho científico está baseada em padrão prévio de crescimento da ciência (MENEZHINI, 1988, 1991). Nesse sentido vêm sendo empreendidos esforços pelas universidades brasileiras visando identificar a produtividade dos pesquisadores que estão trabalhando em cada uma das especialidades, bem como avaliar os diferentes níveis de “input” oferecidos pelas instituições às quais eles estão vinculados.

No âmbito da área de Ciências Humanas está inserida a sub-área Biblioteconomia, com a tendência para evoluir, desde 1970, como Ciência da Informação. Nessa fase de transição ela vem enfrentado séria “crise”, tanto de identidade como de competência científica. A lenta evolução iniciada há mais de vinte e cinco anos, quando o país passava por uma situação política própria do regime da época, destaca-se a posição de Florestan FERNANDES (1975) ao comentar “a baixa expectativa da sociedade brasileira em relação à formação do pesquisador”. No entanto, nessa mesma década de 70 surge a reação quando o país “mostrou que já éramos capazes de formar docentes e pesquisadores dentro de uma tradição cultural brasileira” (MALUF, 1991).

Nesse contexto, ao focar áreas emergentes, como é o caso da Ciência da Informação, a qual reflete relativa contribuição ao conhecimento científico, deve-se enfrentar os desafios a partir de análises mais profundas sobre as condições que são determinantes tanto pelas políticas institucionais como pela própria política científica do país. A esses fatores estão vinculados os recursos que certamente refletem no “output”. Para avaliação de determinada área de conhecimento, devem ser considerados os indicadores adequados para enfrentar a “Arena Científica” que ZARUR (1996) reconhece como necessária no processo de tomada de decisão. No entanto, esses indicadores devem ser contextualizados e não podem ser aceitos como simples transferência de “padrões” adotados por instituições internacionais, aplicados a grupos de excelência, em determinados momentos da história da ciência.

Ensino e Pesquisa em Biblioteconomia

A pesquisa em Biblioteconomia deve ser vista a partir dos antecedentes históricos do ensino dessa área no Brasil, analisando-se a trajetória ao longo das suas quatro fases (POBLACIÓN, 1992). Na primeira fase (1915-1928) desenvolveu-se com a influência européia pautada em uma formação humanística; na segunda fase (1929-

¹ Professora doutora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (CBD) da ECA/USP. Membro titular da Comissão de Pesquisa do CBD na ECA/USP. Diretora de Documentação da INTERCOM (PORTCOM).

1969) adota o pragmatismo norte-americano e insere-se no contexto da dependência cultural dominante na universidade brasileira (KUNSCH, 1992). Ao longo desses 54 anos foram criadas 28 escolas onde o ensino limitava-se a graduar profissionais com ênfase na tendência tecnicista. Dessas 28 escolas, em 1969 encontravam-se 17 em funcionamento. A tumultuada década de 70, no Brasil, é caracterizada pela explosão da criação de cursos universitários. A Biblioteconomia entra em sua terceira fase (1970-1986) passando a conviver com a Pós-graduação em Ciência da Informação. Nesse período ela acompanha a política educacional do país ampliando o seu âmbito territorial do ensino da graduação com a instalação de mais 10 cursos, dos quais 5 só no Estado de São Paulo. Estabiliza a expansão na década de 80 com a criação de mais quatro cursos, atingindo o total de 31 escolas que permanecem até a presente data. (Tabela 1)

Tabela 1:

**BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL:
1911-1997 QUATRO FASES DO ENSINO DE GRADUAÇÃO**

FASE I - 1911 - 1928		
(01) - 1915	CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA BIBLIOTECA NACIONAL (RIO DE JANEIRO)	
FASE II - 1929 - 1969		
(02) - 1929 - 1935	CURSO DO INSTITUTO MACKENZIE	
(03) - 1938 - 1941	PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO	
(04) - 1940	ESCOLA DE SOCIOLOGIA POLÍTICA SÃO PAULO	
(11) - década 40	07 ESCOLAS	
(18) - década 50	07 ESCOLAS	
(28) - década 60	10 ESCOLAS	
FASE III - 1970 - 1985		
1971 -	Das 28 escolas funcionam só 17 (60,71%)	
(38) - década 70 -	10 escolas (05 no Estado de São Paulo)	
(42) - década 80 -	04 escolas (01 no Estado de São Paulo)	
	1981 a 1986	
FASE IV - 1986 - 1997²		
1986 -	Das 42 escolas funcionam só 31 (71,43%)	
1989 -	ABEBD cria módulos de Estudos Curriculares coordenando as escolas por região:	
-	Região Norte/Nordeste - 09 escolas.....	29,10%
-	Região C.O./Sudeste - 08 escolas.....	(25,80%)
-	Região Sul - 06 escolas.....	(19,30%)
-	São Paulo - 08 escolas.....	25,80%)
TOTAL.....	31 escolas.....	(100,00%)

Embora o Brasil, na década de 70 estivesse atravessando uma fase marcada pelo sombrio panorama sócio-político e cultural, ainda assim, esse período estimulou a inquietação nos meios universitários e a reação se instalou em decorrência principalmente do crescimento desordenado do ensino superior. O questionamento básico estava centrado na qualidade do ensino ministrado em instituições oficiais e particulares, as quais não contavam com quadros de docentes qualificados. Os líderes dos movimentos articulavam-se em defesa do modelo educacional onde “as

² 1993-1997 - nesse período foi desativado curso de graduação da Fundação Educacional São Carlos (FESC) e criada na mesma cidade de São Carlos o curso na Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, portanto, no Brasil foram criados 43 escolas das quais continuam funcionando as 31 escolas mencionadas na tabela acima.

universidades são organizações de inteligência, baseiam-se no mérito, no saber, na obra, no juízo dos pares” (NUNES, 1992) e condenavam a precoce profissionalização oferecida por escolas que concedem diplomas e garantem reserva de mercado. Nessa ebulição situava-se o processo de implantação da Reforma Universitária instituída pela Lei 5540/68 que “definiu a existência da pesquisa nas instituições de ensino superior como um elemento associado, em igualdade de condições, à atividade docente e dela indissociável” (RIBEIRO, 1986). Essa proposta, contida na lei, foi entendida na época de formas variadas por docentes e pesquisadores, gerando discussões e promovendo uma série de eventos para debater essa “relação polêmica”.

Esse novo elemento - Pesquisa - introduzido como indissociável do ensino, deveria contar com o apoio de órgãos de fomento que vinham sendo instalados no país desde a década de 50. Naquele momento o governo, acompanhando a tendência internacional, criou órgãos para promover a informação e passou a se preocupar com o desenvolvimento científico e tecnológico exigido pela sociedade brasileira. Encontravam-se instalados desde 1951 o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), hoje denominado Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); o Fundo de Desenvolvimento Tecnológico (FUNTEC) substituído na década de 70 pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Os estados também começaram a criar as suas fundações de apoio à pesquisa, tais como: FAPESP, FAPERG, FAPERJ, FAPEMIG. Considerando-se os recursos financeiros como um dos elementos básicos de “input” torna-se evidente que é de fundamental importância para os pesquisadores o domínio da política adotada por esses órgãos. Em determinados momentos históricos as diretrizes dessas agências nem sempre privilegiaram pesquisadores ou grupos de pesquisadores de diferentes áreas, principalmente daquelas emergentes que apresentavam tímida demanda, refletida em projetos que poderiam viabilizar o desenvolvimento da pesquisa associando-a ao ensino. Ao mesmo tempo que definia-se a pesquisa, criavam-se os programas de pós-graduação no Brasil a partir de 1970. A formação qualificada de recursos humanos para atender a demanda dos cursos criados, principalmente na década de 70, e a construção de uma comunidade científica brasileira vem sendo analisada por vários autores (CASTRO, 1985; RIBEIRO, 1986; CHRISTOFF, 1993) que mostram resultados pouco animadores, decorrentes da lenta implantação de projetos de pesquisa e dos problemas criados pela “pulverização temática, de falta de foco e massa crítica” (CASTRO, 1985).

Diante desse quadro são crescentes as preocupações com os diferentes projetos científicos, com enfoques sócio-políticos que são desenvolvidos na área de Ciência da Informação. Se o fluxo da ciência é medido pelas publicações, principalmente de artigos de periódicos, torna-se necessário identificar o que é produção resultante de pesquisa. Concordando com CASTRO (1985) reforçamos o alerta para a compreensão do significado: “produzir pesquisa é uma coisa, publicar é outra”. Conhecendo as publicações periódicas especializadas na área e a produção acadêmica, para poder classificá-la é necessário definir o que é pesquisa. Embora o conceito de pesquisa seja de difícil consenso, o que foi comprovado por vários autores (ARAUJO e col. 1988; GARGANTINI e col. 1996) deve-se analisar a posição de diferentes estudiosos. Merece reflexão a colocação mais recente apresentada por LUNA (1997) que conceitua: “a pesquisa visa a produção de conhecimento novo, relevante teórica e

socialmente e fidedigno”. Para que a produção científica seja avaliada segundo diferentes variáveis e aspectos metodológicos é necessário também identificar os produtores e as instituições às quais os autores estão vinculados. Com esse propósito enfoca-se os centros de formação de pesquisadores e geração de pesquisa em Ciência da Informação.

Pós-graduação em Ciência da Informação

As escolas e cursos de graduação em Biblioteconomia, criados no Brasil no período de 1915 até a década de 60, formavam profissionais e seguiam a mesma tendência encontrada na Biblioteconomia e comentada por SARACEVIC (1995;1996) “uma longa e orgulhosa história, remontando a três mil anos, devotada à organização, à preservação e ao uso dos registros gráficos humanos.” No entanto, o ambiente da biblioteca apresentado como um relicário por Umberto Eco está longe de corresponder ao conceito atual que coloca o cenário das “bibliotecas sem paredes” e reconhece o potencial da biblioteca virtual (PEREIRA, 1995). Ao longo dos anos foram evoluindo as formas de tratamento dos documentos e aperfeiçoando os processos de recuperação da informação, em decorrência da pressão da sociedade que sofria profundas mudanças sócio-políticas e culturais resultantes da “explosão da informação”. Esse fenômeno se acentuou no final da Segunda Guerra Mundial quando começa a revolução científica e tecnológica. O impacto criado pelo famoso Relatório Weinberg arrolando mais de 100.000 relatórios oficiais dos Estados Unidos e publicado em 1963, foi um dos marcos para despertar o interesse de vários países em aplicar recursos em programas estratégicos visando obter informações relevantes para o desenvolvimento da áreas científicas e tecnológicas. Juntando os vários fragmentos que caracterizavam o ambiente sócio-político-cultural e científico que predominava na década de 60 nos vários países é fácil compreender que a informação era a poderosa arma que o homem dispunha. Para sobreviver na sociedade informacional era necessário dominar o fluxo da comunicação, desde a produção do conhecimento até o uso da informação. Os problemas apresentados pela sociedade exigiam soluções concretas e imediatas. Com essa vocação e dominando os processos de registro, recuperação e acesso à informação, surge em torno de 1960 a Ciência da Informação que é contextualizada por WERSIG e NEVELLING (1975): “transmitir o conhecimento para aqueles que dele necessitam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o verdadeiro fundamento da Ciência da Informação.”

Os reflexos desse movimento internacional, intensamente vivenciado nos Estados Unidos e na Europa, repercute também no Brasil. Atinge um dos órgãos do CNPq criado em 1954, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) que segundo a Profa. Dra. Célia Zaher em depoimento, analisando a situação encontrada no IBBd, constatou que “os profissionais da área tinham uma formação de biblioteconomia convencional e que essa formação fazia com que não houvesse profissionais na área com conhecimento necessário para desenvolver os seus programas.” (SOUZA, 1995).

A necessidade de atualizar os conhecimentos dos profissionais, a fim de garantir a qualidade dos serviços a serem oferecidos à comunidade por um órgão que foi criado com o objetivo de promover a informação científica no país, constituiu-se em séria problemática. A solução foi encontrada com a criação do Curso de Especialização em

Informação e Documentação (CDC) em 1955, projetando-se a nível internacional em 1964 (CHRISTOVÃO, 1995). Após 15 anos de experiência em cursos de extensão e atualização, que iam se adequando às exigências dos modernos processos de armazenamento e implantação dos serviços automatizados, em 1970 o IBBD (atual IBICT) se impõe para criar um impacto na comunidade com a proposta do primeiro Curso de Mestrado em Ciência da Informação, que segundo SOUZA (1995) evoluiu no decorrer de 25 anos: originalmente, a clientela do curso constituía-se, praticamente, de 100% dos alunos com informação básica em biblioteconomia. Ao longo do tempo, esse percentual foi diminuindo, chegando a 50% na década de 80. Os anos 90 iniciam em um percentual de apenas 10% de alunos oriundos da área de biblioteconomia e os demais com formação em arquivologia, museologia, economia, administração, comunicação, física, química, história, sociologia e processamento de dados, para citar algumas.” O salto de qualidade da Biblioteconomia, que na primeira fase estava centrada nas técnicas de armazenamento, foi alcançado pelo IBICT quando o curso “operacionalizou o discurso da interdisciplinaridade” (BARRETO, 1995). No entanto, nessa mesma década de 70, acompanhando o momento da expansão de cursos e o questionamento em busca da qualidade da formação de recursos humanos, estimulou a criação de mais cinco Cursos de Mestrado em Universidades, porém todos inicialmente com o enfoque de Biblioteconomia e Documentação: Universidade de São Paulo (1972); Universidade Federal de Minas Geras (1976); Universidade Católica de Campinas - PUCAMP (1977); Universidade de Brasília (1978) e Universidade Federal da Paraíba (1978). Atualmente a tendência de todos os cursos de pós-graduação é a de transformá-los em Cursos de pós-graduação em Ciência da Informação.

A estrutura organizacional de cada curso obedece o regimento que é compatível com o da respectiva universidade. A diversidade das instituições universitárias (federais, estaduais e particulares) reflete-se nas exigências para a seleção dos candidatos; na duração do curso; número de vagas oferecidas, número de créditos a serem cumpridos em disciplinas de acordo com a flexibilidade proposta (obrigatórias e eletivas) período de seleção e matrícula, além da política de concessão de bolsas oferecidas pela própria universidade ou pelos órgãos de fomento (CNPq, CAPES).

Corpo Docente

No período inicial dos cursos de mestrado (década de 70) o corpo docente era constituído majoritariamente por professores de universidades estrangeiras, principalmente dos Estados Unidos e da Inglaterra, convidados pelo IBICT além de reduzido número de professores brasileiros com doutorado no exterior. Geralmente eram provenientes de outras áreas, sobretudo de Ciências Sociais e Humanas, ministrando disciplinas das áreas conexas. Esse quadro foi sendo alterado durante a década de 80 a partir da titulação de professores da área de informação com mestrado e doutorado, que passaram a ministrar o ensino nos dois níveis: graduação e pós-graduação. O quadro de 1992 mostra a situação dos seis cursos de mestrado ministrados por 38 doutores e 27 mestres. Apenas duas universidades apresentavam exclusivamente doutores dedicados à docência e orientação (USP com 07 doutores e UnB com 09). Os demais quatro cursos de pós-graduação desenvolviam suas atividades com 22 doutores e 27 mestres. Em 1997 além dos dois cursos (USP e UnB)

que contavam somente com doutores ministrando os cursos de pós-graduação foi incorporado o curso da PUCCAMP com 7 doutores após a titulação da professora que era mestra. Os outros três cursos continuam mantendo como docentes doutores e mestres, totalizando 57 doutores e 25 mestres. Parcela significativa dos doutores fizeram o pós-doutoramento no exterior. (Tabela 2)

Tabela 2: CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA - DOCENTES – 1992 E 1997

Cursos	Nº. Docentes			
	Doutores		Mestres	
	1992	1997	1992	1997
UFRJ	06	09	09	06
USP	07	13	--	--
UFMG	06	11	10	12
PUCCAMP	07	07	01	--
UFPb	03	06	07	07
UnB	09	10	--	--
Total	38	56	27	25

A formação de doutores é relativamente recente e o exemplo da USP mostra que somente na década de 80 começou a ampliação do número de docentes titulados. Nos últimos cinco anos ampliou de 7 em 1992 ministrando cursos de pós graduação nos níveis de mestrado e doutorado, para 13 doutores em 1997.

Essa situação permitiu que a ECA/USP oferecesse no período de 1980 a 1990 o doutoramento na sub-área de Biblioteconomia inserida no programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação. A partir de 1991 essa sub-área foi proposta como área de concentração em Ciência da Informação e Documentação no curso de Ciências da USP. Outros dois cursos de doutorado começaram a funcionar, na década de 90, sendo um na Universidade de Brasília e outro no IBICT/UFRJ. A formação de doutores para o curso do IBICT/UFRJ foi possível graças à linha de pesquisa da Escola de Comunicação ECO/UFRJ que tituló, no início da década de 90 três doutores do atual corpo docente. Essa ampliação do quadro permitiu a criação do curso de doutorado independente, após o redesenho do curso para a área, desvinculado da ECO/UFRJ (BARRETO, 1995). Os demais obtiveram o PhD no exterior, sendo 3 nos Estados Unidos e 3 na Inglaterra. A situação dos docentes da UnB é semelhante, vários professores obtiveram o título de doutor ou fizeram o pós-doutorado nos Estados Unidos, Inglaterra e Espanha.

Linhas de Pesquisa

A situação existente em 1992 mostrava a distribuição de cada um dos cinco cursos com três linhas destacando-se a Universidade Federal da Paraíba com duas. O corpo docente, composto pelos 38 doutores e 27 mestres, respondiam pelas atividades docentes e orientação dos mestrands inseridos nas linhas de pesquisa de cada curso. (Tabela 3)

Tabela 3: LINHAS DE PESQUISA E DOCENTES TITULADOS PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - 1992

		Docentes	
		Doutores	Mestres
UFRJ/ECO/IBICT			
A	Processamento da Informação	02	03
B	Estrutura e fluxo da Informação	03	02
C	Informação, Ciência e Sociedade	01	04
USP/ECA/CBD (mestrado e doutorado)			
AC	Ação Cultural	03	--
AD	Informação Social	02	--
GUI	Geração e Uso da Informação	02	--
UFMG/EB			
ICT	Informação Científica e Tecnológica	--	04
IS	Informação Social	01	05
IG	Informação Gerencial	05	01
PUCCAMP/FB			
DPL	Desenvolvimento de programa de leitura	03	01
ASB	Administração de Serviço de Biblioteca	03	--
FHB	Filosofia e história da Biblioteconomia	01	--
UnB/DCI			
PGASI	Planejamento, gerência, avaliação de sistema de informação	04	--
PL	Processo e linguagens de indexação	02	--
EB	Ensino de Biblioteconomia	03	--
UFPb/CCSA			
IDR	Informação para o desenvolvimento regional	02	02
AB	Atuação da Biblioteca na Comunidade	01	05
Total		38	27

Em 1997 as linhas de Pesquisa e o Corpo Docente de cada um dos seis cursos apresenta novo quadro que evoluiu nestes cinco últimos anos, ampliando o número de doutores e diminuindo o número de mestres como docentes do curso de mestrado.

É interessante notar que no decorrer deste último quinquênio o único curso de pós-graduação que manteve exatamente as mesmas 03 linhas de pesquisa para mestrado e doutorados foi o da ECA/USP, no entanto, ampliou o corpo docente, passando de 07 para 13 doutores. O IBICT/UFRJ manteve para mestrado as 03 linhas existentes em 1992, porém criou três novas linhas para o doutorado. Ampliou o corpo docente para 9 doutores e continuam 6 mestres. A Universidade Federal da Paraíba manteve também duas linhas, conservou a de Informação para Desenvolvimento Regional (IDR) e alterou a denominação de Atuação da Biblioteca na Comunidade (AB) para Informação e Cidadania (IC). O corpo docente também foi ampliado para 06 doutores e manteve os 07 mestres. Os demais quatro cursos sofreram alterações não só do número de linhas (UFMG e PUCCAMP de 03 para 04 linhas e UnB de 03 para 05) como também ampliou o corpo docente. A exceção nota-se na PUCCAMP que manteve os 06 doutores e incorporou como doutor, o mestre que se doutorou em 1995. Essa posição em 1997 mostra que dos seis cursos, três são ministrados somente por doutores: USP, UnB e PUCCAMP. (Tabela 4)

Tabela 4:

**CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
LINHAS DE PESQUISA E DOCENTES - 1997**

Curso	Linhas de Pesquisa	Docentes	
		Doutores	Mestres
IBICT/UFRJ Mestrado 1970	A- Processamento da Informação	02	03
	B - Estrutura e Fluxo da Informação	03	02
	C - Informação, Ciência e Sociedade	04	01
IBICT/UFRJ Doutorado 1992	ITS - informação, Tecnologia e Sociedade	--	--
	EI - Epistemologia, interdisciplinaridade	--	--
	ICS - Informação, Cultura e Sociedade	--	--
USP Mestrado 1972 Doutorado 1980	Ação Cultural	05	--
	Análise Documentária	04	--
	Geração e Uso da Informação	04	--
UFMG Mestrado 1976 Doutorado 1997	Informação Científica e Tecnológica / Informação Gerencial	06	05
	Informação social	02	03
	Informação Histórica	01	01
	Tratamento da Informação e Bibliometria	02	03
PUCCAMP Mestrado 1977	Desenvolvimento e programa de leitura	02	--
	Administração Serviço de Biblioteca	02	--
	Filosofia e história da biblioteconomia	01	--
	Informação para Indústria e negócios	02	--
UFPb Mestrado 1978	Informação e Cidadania	04	03
	Informação para o desenvolvimento Regional	02	04
UnB Mestrado 1978 Doutorado 1992	Planejamento, Gerência, Avaliação de Bibliotecas e Sistemas de Informação	03	--
	Processos e Linguagens de indexação	03	--
	Formação Profissional e Mercado de Trabalho	02+02*	--
	Comunicação Científica	01+01*	--
	Informação orgânica (arquivos)	01	--
Total		56	25

* professores doutores atuando em 02 ou mais linhas

Corpo Docente

Na medida em que o corpo docente foi sendo alterado, o quadro discente apresentado em 1992 também sofre alterações. O quadro mostrando a situação existente em 1992 e comparando com os dados coletados em 1997, permite avaliar o potencial de cada curso. No último quinquênio a comunidade de mestres cresceu 58% e com a expectativa de serem defendidas a curto prazo 116 dissertações que estão em elaboração. (Tabela 5). Estão previstas as defesas de 46 teses de doutorado. (Tabela 6)

Tabela 6:

**CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DOUTORADO - DISCENTES (1992 E 1997) TESES - ATÉ JUNHO 1997**

Cursos e Data inicio	Ingressos		Matrícula		Cursando disciplinas		Elaborando Dissertações		Defesas em		Total até	
	1991	96/97	1992	1997	1992	1997	1992	1997	1991	96/97	1991	1997 (jun.)
USP 1980	02	10	16	19	08	07	08	12	14	02	17	23
UnB 1992	--	02	--	23	--	06	--	17	--	01	--	01
IBICT/UF RJ - 1993	--	10	--	27	--	10	--	17	--	--	--	--
TOTAL	02	22	16	69	08	23	08	46	14	03	17	24

Tabela 5:

**CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO-DISCENTES (1992 E 1997) DISSERTAÇÕES – ATÉ JUNHO 1997**

Cursos e Data inicio	Ingressos		Matrícula		Cursando disciplinas		Elaborando Dissertações		Defesas Até		Total até	
	1991	96/97	1992	1997	1992	1997	1992	1997	1991	96/97	1990	1997 (dez.)
IBICT/UFRJ 1970	18	30	76	77	32	30	44	16	06	31	140	217
USP 1972	05	11	19	25	15	14	05	11	03	02	27	33
UFMG 1976	09	26	54	37	15	12	39	25	05	12	36	78
PUC-CAMP 1977	14	31	41	52	23	22	18	30	07	05	58	118
UFPA 1978	15	20	39	46	15	23	24	23	04	09	20	68
UnB 1978	05	28	27	40	18	34	09	11	02	05	50	64
TOTAL	66	146	256	277	118	135	139	116	27	64	331	569

Pesquisa em Ciência da Informação

Tomando como ponto de partida a mencionada Reforma Universitária implantada no Brasil em decorrência da Lei 5540/68, que fincou as raízes dos cursos de pós-graduação em 1970, o dogma do ensino indissociável da pesquisa também foi estendido para as áreas de conhecimento de todas as universidades brasileiras. Após quase duas décadas dos esforços empreendidos para a implantação dessas diretrizes, CASTRO (1975) analisou a situação das universidades e questionou: “Há produção científica no Brasil?” Continuando com essa indagação, o Programa de Avaliação da Reforma Universitária, sob a responsabilidade do coordenador do Grupo Gestor de Pesquisa, atualizou os dados coletados nas universidades e levantou vários posicionamentos sobre a relação polêmica entre Ensino e/ou Pesquisa (RIBEIRO, 1986). Naquela ocasião, autores como Simon Schwartzman e Saviani entendiam que era “um profundo equívoco (...) esta suposta identificação e indissolubilidade do ensino e da pesquisa” (SAVIANI apud RIBEIRO, 1986). Hoje a posição de CASTRO (1997) comentando a afirmação “o ensino universitário sério é indissociável da pesquisa” considera como uma “política desastrosa” embora reconheça que precisamos de pesquisas de qualidade porém, “em um país realmente necessitado de boas pesquisas, os pesquisadores sérios ficam mal aquinhoados, por conta dos gastos com quem não sabe fazê-los”.

Em Ciência da Informação perguntamos: Onde são formados os pesquisadores? Quais as pesquisas que foram ou estão sendo geradas na área? Como ter acesso ao conhecimento novo resultante de pesquisas?

O primeiro questionamento foi respondido pelo panorama apresentado pelo ensino da pós-graduação existente no Brasil desde 1970. A produção de dissertações e de teses pode ser distribuída em 03 períodos, dos quais dois foram apresentados em

1992 (POBLACIÓN, 1992). O terceiro está construído com os dados dos cinco últimos anos. (Tabela 7)

Tabela 7: PRODUÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO 1970 - 1997 (JUNHO)

FASE I 1970-1985³		
Mestrado e Doutorado no exterior	36 (12,90%)	
Livre-Docência e Titular	9 (03,22%)	
*Mestrado nos cursos do país	231 (82,80%)	
Doutorado no curso do país (USP)	3 (01,08%)	
TOTAL	279 (100%)	
FASE II 1986-1990⁴		
Mestrado e Doutorado no exterior	12 (07,84%)	
*Mestrado nos Cursos do país	127 (83,00%)	
Doutorado no Curso do país (USP)	14 (09,16%)	
TOTAL	153 (100%)	
FASE III 1991-1997 (JUNHO)⁵		
	Defendidos até 1990	Até junho 1997
	Fases I e II	
Mestrado nos cursos do país	358	569
Doutorado nos cursos do país (USP, IBICT, UnB)	17 (USP) até 1990	24 (23 USP, 01 UnB) até junho 1997
Pós-doutorado no exterior (docentes dos cursos)		21
TOTAL	375	607

* Este total inclui os mestrados defendidos em outras áreas, justificando-se a diferença do registro de 331 títulos de mestre conferidos pelos cursos específicos de Ciência da Informação e Biblioteconomia.

Os tipos de pesquisas realizadas para produzir as dissertações e teses vêm sendo analisadas sob vários aspectos, o que permite identificar as tendências das temáticas de acordo com as linhas de pesquisa de cada curso e de atuação dos orientadores. Reconhece-se que é incontestável o valor dessas avaliações feitas por pesquisadores que utilizam métodos quantitativos e qualitativos privilegiando a bibliometria e a cientometria (WITTER, 1997). Cresce assim a "literatura cinzenta" produzida por mestres e doutores cujas características permitem tipificá-los segundo diferentes variáveis: quanto ao delineamento (WITTER e OLIVEIRA, 1996); por temática e metodologia (BUFREM, 1997); pela amplitude vocabular dos títulos (SODEK; PERES; CAMARGO; JESUS, 1997). Além dessas análises publicadas em periódicos nacionais estão disponíveis outros dados que podem ser consultados acessando os diferentes campos de pesquisa constantes da "Base de Dados de Produção Científica - Literatura Cinzenta - BLC" instalada na ECA/USP cujo módulo de teses (BLC-T) é da

³ Dados compilados a partir dos percentuais apresentados por MACEDO, N.D. (1987, p.138).

⁴ Dados compilados para elaboração do paper apresentado no XII Encontro dos Cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (POBLACIÓN, 1992).

⁵ Dados compilados para elaboração do "paper" apresentado no 18º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, São Luís do Maranhão, 25 de julho / 2 de agosto de 1997.

responsabilidade da Profa. Geraldina Porto Witter do curso de Mestrado em Ciência da Informação da PUCCAMP.

Na análise de produção científica dessa área emergente considera-se não só as pesquisas acadêmicas orientadas por docentes, cujos resultados constam das dissertações e teses defendidas, mas também a produção dos docentes que desenvolvem pesquisas integradas e individuais, apoiadas ou não por agências de fomento. No Relatório de Auto-avaliação do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (CBD) da Escola de Comunicações e Artes da USP elaborado no primeiro semestre de 1997 destaca-se a importância do apoio institucional e das agências de fomento consideradas como um dos fatores de "input" para o desenvolvimento da pesquisa.

Controle Bibliográfico e pesquisas divulgadas como "literatura cinzenta"

Reconhecendo-se a importância do Controle Bibliográfico da produção científica da área de Ciência da Informação, caracterizada como "literatura cinzenta", apresentada sob o formato de teses ou de comunicações em eventos, categorizada como pesquisa ou não, está sendo mantida atualizada pelo Grupo de Pesquisa da ECA, disponibilizada através da "Base de Dados de Produção Científica - Literatura Cinzenta - BLC". Essa base representa um dos sub-produtos da pesquisa integrada do grupo da ANCIB e vem sendo financiada pelo CNPq. O módulo de eventos (BLC-E) já incorporou as comunicações dos profissionais da área apresentadas nos nove Seminários de Bibliotecas Universitárias (SNBUs) e nos 17 Congressos Brasileiros de Biblioteconomia e documentação (CBBDs) desde 1954 até 1994. A partir da análise dos dados armazenados nessa base, os resultados têm sido apresentados nas Reuniões Anuais da SBPC, nos Congressos Brasileiros, nas Reuniões da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ANCIB) em cursos e eventos no exterior, além de ter gerado "literatura branca" produzindo vários artigos publicados no Brasil e no exterior.

O Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa elaborado pelo CNPq confirma a consolidação de Grupos de Pesquisa na Área de Ciência da Informação. O fortalecimento desses Grupos certamente garantirá a visibilidade da produção científica, assegurando a representatividade dos profissionais de informação colocando-os no mesmo patamar de competição com os pesquisadores das diversas áreas do conhecimento.

Comentários e Conclusão

- 1) A Ciência da Informação considerada como "ciência imatura" iniciou a abertura dos horizontes a partir da criação dos cursos de pós-graduação, deste 1970 com os mestrados e começa a atingir a maturidade com a implantação dos cursos de doutorado.
- 2) A comunidade de profissionais de informação, pós-graduados com o título de mestre teve um crescimento de 42% nos últimos cinco anos e mostra tendência para o aumento imediato de mais 17% em decorrência da defesa de 116 dissertações que estão em andamento nos seis cursos de pós-graduação. O corpo docente desses cursos conta atualmente com 56 doutores / pesquisadores e está

para ampliar com mais 50% em decorrência dos 25 mestres/docentes que são doutorandos.

- 3) Os cursos de pós-graduação mostram a tendência de manter o corpo docente exclusivamente com a titulação de doutor, fato que já ocorre em 50% dos seis cursos existentes no país.
- 4) Os docentes além de orientadores são pesquisadores e desenvolvem projetos integrados intra e interinstitucionais embora ainda existam alguns projetos individuais.
- 5) Os projetos de pesquisa vêm sendo apoiados por agências de fomento, principalmente CNPq, CAPES e as Fundações de Pesquisa estaduais contemplando bolsas para pesquisadores, bolsas de iniciação científica, de aperfeiçoamento profissional e de apoio técnico.
- 6) O crescimento da comunidade de profissionais de informação, considerados pesquisadores, vem fortalecendo a representatividade não só em relação ao papel que assume na sociedade mas sobretudo oferecendo maior oportunidade para a participação de pares, com competência científica na composição de colegiados, na interação com órgãos decisórios e instituições oficiais responsáveis pela política de informação do país, bem como nas agências de fomento.
- 7) O desempenho científico dessa comunidade está sendo comprovado pela avaliação que vem sendo realizada mediante indicadores que são utilizadas como padrão para todas as comunidades científicas.⁶

⁶ Agradecimento:

Agradecemos ao CNPq pelo apoio que vem oferecido ao Grupo de Pesquisa de Produção Científica desde 1992. Aos cursos de Pós-graduação e a ABEED pelos dados fornecidos. Ao bolsista de Iniciação Científica Paulo Jair Gutkoski, pela dedicação e revisão dos dados quantitativos que garantem a confiabilidade e o rigor científico.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, F. M. B. G.; WITTER, Geraldina Porto; MARTINS, L. S.; RIBEIRO, M. L.; GIACOMETTI, Maria Marta. Conceito de pesquisa: um estudo exploratório comparando perspectivas de pesquisadores e leigos. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v.5, n.1, p.53-73, jan./jul.1988.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma elegante esperança. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.1, p.7-9, 1995.
- BUFREM, Leilah Santiago. Ciência da Informação e história: o caso do IBICT. *Transinformação*, v.9, n.1, p.58-79, 1997.
- CASTRO, Cláudio de Moura. Uma herética separação entre ensino e pesquisa. *Veja*, p.142, 4 de junho de 1997.
- CASTRO, Claudio Moura. Há produção científica no Brasil? *Ciência e Cultura*, v.37, n.7 (supl.), p.165-187, jul.1985.
- CHRISTOFF, Marcelo. Desenvolvimento e pós-graduação: sem tempo a perder. *Ciência Hoje*, v.15, n.89, p.14-16, abr.1993.
- CHRISTOVÃO, Heloisa T. A ciência da informação no contexto da pós-graduação do IBICT. *Ciência da Informação*, v.24, n.1, p.31-35, 1995.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. 13.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- FERNANDES, Florestan. *Universidade brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo: Alfa Ômega, 1975.
- GARGANTINI, Marisa B. Mendes; MOREIRA, Sebastião R. Góis; FORESTI, Sonia M. Silveira. Conceito de pesquisa: opinião de mestrandos pesquisadores de diferentes áreas de formação. *Transinformação*, v.8, n.2, p.131-142, maio/ago.1996.
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling. *Universidade e Comunicação na edificação da sociedade*. São Paulo: Loyola, 1992.
- LUNA, Sergio Vasconcelos de. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1997.
- MALUF, Maria Regina. Formação do pesquisador no país. *Boletim de Psicologia*, v.41, n.94/95, p.59-62, 1991.
- MENEGHINI, Rogério. Indicadores alternativos de avaliação do desempenho científico: aplicação a uma instituição. *Ciência e cultura*, v.40, n.6, p.548-558, 1988.
- NENEGHINI, Rogério. Performance of Brazilian Scientists with previous PhD training in Brazil and in developed countries. The case of chemists. *Ciência e Cultura*, v.43, n.5, p.343-46, 1991.
- NUNES, Edson de Oliveira. Educação: desafio político e gerencial. *IPEA: Boletim Conjuntural*, n.19 (supl.esp.), p.61-62, out.1992.
- PEREIRA, Maria de Nazaré F. Bibliotecas virtuais: realidade, possibilidade ou alvo de sonho. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.1, p.101-109, 1995.

- POBLACIÓN, Dinah Aguiar. Investigación y estudios de posgrado en Ciencia de la Información y Biblioteconomía en Brasil: dos etapas (1979-1985 y 1986-1992). *Ciencias de la Información*, La Habana, n.24, n.1, p.16-21, mar.1993.
- RIBEIRO, Sergio Costa. Ensino e/ou pesquisa: a teoria na prática é outra. *Ciência Hoje*, v.4, n.22, p.25-33, 1986.
- SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.1, n.1, p.41-62, 1996.
- SARACEVIC, Tefko. Interdisciplinary nature of information science. *Ciência da Informação, Brasília*, v.24, n.1, p.36-41, 1995.
- SODEK, Elbe Benetti; PERES, Rosenara Urbanetto; CAMARGO, Maria Valéria Guimarães; JESUS, Ivania Aparecida Morche. Títulos de dissertações de mestrado: PUCCAMP/UFMG (1990/1994). *Transinformação*, v.9, n.1, p.80-92, 1997.
- SOUZA, Rosali Fernandez. Célia Ribeiro ZAHER (entrevista). *Ciência da Informação, Brasília*, v.24, n.1, p.13-20, 1995.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Comunicação e Artes. Departamento de Biblioteconomia e Documentação. *Auto-avaliação departamental (1992-1996)*. São Paulo, 1997.
- WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. *Information Scientist*, v.9, p.127-140, 1975.
- WITTER, Geraldina Porto. *Produção Científica*. Campinas(SP): Átomo, 1997.
- WITTER, Geraldina Porto; OLIVEIRA, Francisco A.F. Biblioteconomia e Ciência da Informação: delineamento de teses e dissertações brasileiras. *Transinformação*, v.8, n.2, p.119-130, 1996.
- ZARUR, George de Cerqueira Leite. *A arena científica*. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996.

